

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

128)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 12, 1839)



GOETHE.

Tres homens muito celebres por faculdades intellectuaes perdeu a Europa no decurso do anno de 1832: em Franca Cuvier, em Inglaterra Walter-Scott, e na Alemanha João Wolfgang Goethe. Deste, cujo retrato apresentamos, daremos aqui breve noticia; ainda que isso não seja facil tarefa, porque para fallar-mos de sua vida, é esta uma existencia serena e estudiosa, onde faltam os successos dramaticos, e os factos e contrastes novos e interessantes, emfim todos os elementos de uma curiosa biographia. Por outra parte para nos embrenhar-mos na exposição e analyse dos numerosos escriptos deste homem de tão vasto e fertil engenho, seria necessario copiar a extensa noticia que precede a selecção franceza dos seus dramas, e que por si só faria um volume. Justo será pois limitar-nos a resumir as informações e juizos de

Vol. III.

contemporaneos illustres ácerca deste homem tambem illustre.

Nasceu Goethe em Francfort-sur-le-Mein aos 28 d'Agosto de 1749. Foi seu pai um jurisconsulto de fama, que, destinando-o ao foro, o mandou estudar Direito a Leipsick, depois de uma completa educação primaria. Doutorado em Strasbourg [1771], estabeleceu-se advogando em Weitzlar; porem a sua activa e esplendida imaginação o convidava a trabalhos menos aridos e circumscriptos que as discussões de facto e direito: a novella *Werther*, livro mui popular, e o unico de Goethe vertido em portuguez, fez echo em toda a Alemanha. Atribuiu-se á profunda impressão causada por esta obra a multiplicação dos suicidios: o caso é que o proprio auctor a parodiou na sua *Mania do Sentimento*, para ridicu-

lisar e desvanecer o *sentimentalismo* que ia lavrando, como peste, em infinitas pessoas, e de que não poucas em o nosso paiz ainda são achacadas.

O bom successo da primeira obra convenceu Goethe de que a sua verdadeira vocação era a carreira das letras; nunca mais deu descanso á penna, e fez passar o mundo litterario pela copia e variedade de seus escriptos. Sciencias physicas, historia natural, boas-artes, toda a cãsta de composições dramaticas, poesias lyricas, poemas epicos, novellas, emfim quasi todos os assumptos abrangeu a vasta intelligencia de Goethe, todas as fórmas eram adequadas á maravilhosa flexibilidade do seu talento. Se porem foi incansavel em produzir, não menos o foi a admiração publica em o sustentar com applausos. A maior parte dos homens de talento soffre infinitos desgostos, e contratempos em desconto da sua gloria; porem Goethe foi perfeitamente feliz na sua dilatada carreira. Sessenta annos, em vez d'enfraquecerem e desgostarem as ardentes sympathias que a Alemanha votára ao seu escriptor mimoso, as desenvolveram e exaltaram, d'algum modo, a pontos de fanatismo.— «A influencia deste auctor é extraordinaria [diz M.^{me} de Stael], e o admirar Goethe faz, por assim dizer, uma confraria, cujos adeptos se conhecem por senhas. Se os estrangeiros o querem admirar tambem, são desdenhosamente repellidos, se algumas restricções inculcam que tiveram o arrojo de examinar obras, que todavia lucraram muito no exame.»

Weimar foi o throno do alto do qual Goethe, rodeado desta cega veneração, reinou toda a sua vida com pacifica magestade sobre a Alemanha litteraria. Aqui o chamaram em 1780 os favores e amizade do duque de Weimar, e aqui morreu a 21 de Março de 1832 cheio de honras e dignidades, tendo deixado esta cidade só para visitar a Suissa, a Italia, e o restante da Alemanha.— «Weimar era a sua cõrte [diz um escriptor que pinta bem o genio e vida de Goethe]. Era para ver o respeito com que todos pronunciavam o seu nome, a sua casa era como o templo, o palladio da cidade, que sendo o resto das pequenas capitães da Alemanha do seculo 18.^o conservava em Goethe com religioso cuidado o fragmento do grande seculo litterario. Weimar era propria para Goethe, como o pedestal para a estatua: nunca houve tão perfeita concordancia. Em Weimar ainda existiam as ideas, habitos e maneiras do seculo passado: era uma cidade d'outra epocha em que vivia um homem tambem d'outra epocha. Com effeito não pertencia Goethe ao seculo 19.^o, a estes tempos em que se combate e morre por amor de ideas; era um homem do seculo anterior, o litterato por excellencia, indifferente á politica, importando-lhe pouco o âmago das cousas, apegando-se ás fórmas, mais artista que philosopho. Não se consagra, como Voltaire, ao triumpho d'uma idea, não prosegue para um só fim social; Goethe é o cantor de todas as ideas: a sua imaginação, semelhante a um formoso lago espelhado, reflecte alternativamente as nuvens que passam pela atmosphera do espirito humano, todas as variações das nossas opiniões. A antiguidade e a idade media, a liberdade e o poder, a fé e o escarneo, tudo é bello, tudo é mundo; e eis o que este auctor canta na sua admiravel linguagem. É, na verdade, vasto e variado como o universo; porem o universo que Deus rege tem um pensamento e um fim; e Goethe, a meu entender, não tem nenhum. Que quiz elle fazer?... Que fez com effeito?... Que direcção social e politica deu á litteratura do seu paiz?... Nenhuma.— A litteratura franceza do seculo 18.^o gerou a revo-

lução franceza. E de que instituições, de que acontecimentos tomaria a iniciativa a litteratura alemã?... Goethe dizia que reivindicava o merecimento de procurar e achar sempre em seus estudos e escriptos a idea nova, um ponto novo: e este juizo é exacto e engenhoso. Goethe é novo em todas as cousas, porque em nenhuma tomou partido. Nunca houve espirito menos systematico, nem que mais independente e variado fosse.—»

Madame de Stael considerou por outro lado o talento de Goethe; e a sua observação é tambem exacta.— «Este escriptor [diz ella] só por si poderia representar a litteratura alemã em peso, não porque não hajam outros escriptores a outros respeitoes superiores, mas porque elle só reúne tudo quanto distingue o *espirito alemão*, e nenhum é tão notavel n'um genero d'imaginação, que os inglezes, os italianos, os francezes não podem reclamar no todo ou em parte. Acham-se-lhe uma grande profundidade d'ideas, a graça oriunda da imaginação, e uma sensibilidade ás vezes fantasiosa, mas por isso mesmo mais propria para interessar o leitor.—»

Se os estrangeiros não levaram ao auge do fanatismo alemão a sua admiração a Goethe, comtudo fizeram justiça a tão insigne litterato. Os viajantes visitavam Weimar para o verem, as academias lhe abriram as portas, e Napoleão, em Erfurth, tirou da farda a cruz da legião da honra para condecorar o heroe litterario. Foi geral o sentimento quando a morte arrebatou um homem que tantos respeitoes e amor conciliára. Os soberanos de Weimar o receberam no jazigo da sua familia; e já Frankfurt e outras cidades lhe tinham levantado estatuas.

BRASIL.

5.^o

Indigenas.

Os primeiros observadores pintam a terra do Brasil como um novo paraizo terreal. E na verdade aquelle temperado clima, de bons e sadios ares, sem frios nem calmas excessivas; aquella espontanea e pomposa vegetação da natureza virgem, que singularmente contrastava com as mesquinhas e trabalhosas produções do velho mundo, que ainda para maior desgraça illudem tantas vezes as esperanças fundadas em copioso suor e indefeso trabalho, aquella prodigiosa propagação de todos os animaes uteis, tudo isto, dizemos, era mais que bastante para fazer uma extraordinaria impressão nas poeticas imaginações dos homens do 16.^o seculo: quanto mais nas de portuguezes, ébrios então de grandeza e gloria! Se ainda em nosso tempo os Talleyrands e os Chateaubriands vão entre as intactas florestas americanas receber inspirações, que elevam seu espirito tanto acima do de seus contemporaneos; não é muito que os que primeiro escreveram das cousas do Brasil pareçam tocados d'um exaggerado enthusiasmo, quando só relatam exacta e singelamente as maravilhas de um mundo novo, em tudo tão diverso do antigo.

Não era uma das menores maravilhas deste novo mundo o espectáculo da indole, usos, e costumes de seus naturaes habitadores.—Em dois grandes grupos se podem estes commodamente dividir. O 1.^o comprehende todas aquellas nações, ou raças de gentios indigenas, que fallam com pouca discrepância a mesma lingua geral e commum, a que por isso os europeus chamaram *lingua brasilica*. Estes pela maior parte habitavam o littoral no tempo da conquista.— No 2.^o entram os que vivendo quasi todos mais para

o sertão tem entre si linguas e costumes diferentes. — Daremos hoje uma geral e summaria noticia das nações comprehendidas naquella primeira divisão. E são: —

1.^o — *Pitiguares* = Senhoreavam a terra do Rio Grande até o da Paraíba. Homens de meia estatura, côr baça como a de todo o outro gentio. Não deixam criar cabelo no corpo, senão os da cabeça, porque em lhe nascendo os arrancam logo. Gente mui bellicosa e fera; não perdoam a nenhum dos contrarios, que captivam, porque os matam e comem logo. Foram grandes amigos dos francezes, e, por instigações destes, contrarios dos portuguezes. Fizeram muito mal aos moradores das capitancias de Pernambuco e Tamaracá, e á gente dos navios, que se perderam pela costa desde o Paraíba até ao Maranhão. Quando no anno de 1584 o general Diogo Flores tomou a Parnaíba aos francezes, desbaratou tambem esta raça dos *pitiguares*.

2.^o — Perto destes vivia grande multidão de gentios, chamados *Viatá*, que foram em breve extinctos, accessados e perseguidos pelos portuguezes d'uma banda, e pelos *pitiguares* da outra.

3.^o — *Tupinambás* = Estendiam-se desde o Rio Real até juncto dos Ilheos. De meia estatura, côr muito baça, bem feitos e bem dispostos, mui alegres de rosto, e bem assombrados: todos tem bons dentes, alvos, miudos, sem lhe nunca apodrecerem, pernas bem feitas, pés pequenos, cabelo da cabeça sempre aparado, não o consentindo em outra alguma parte do corpo. Homens de grandes forças e muito trabalho, muito bellicosos, e divididos em bandos se faziam cruelissima guerra uns aos outros e se comiam.

4.^o — *Caités* = Nos primeiros annos da conquista senhoreavam a costa da bocca do Rio de S. Francisco até o de Paraíba. Eram muito guerreiros e atraíçoados. Em suas mãos caíu, e por elles foi comido o primeiro bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha, e a gente de sua companhia, quando no anno de 1556 naufragaram vindo para Portugal entre o Rio de S. Francisco e Pernambuco. Faziam crua guerra tambem a todos os gentios seus visinhos, que eram os *pitiguares*, *tupinambás*, *tapuias*, e *tupinaes*, e não perdoavam a captivo nenhum que não comessem. Passados poucos annos depois da conquista foram extinctos, porque perseguidos por seus visinhos *tupinambás*, *tupinaes*, e *tapuias*, foram desbaratados, comidos, captivados e vendidos em grandissimo numero, e alguns que restaram ou se misturaram com seus contrarios, ou se lançaram muito pela terra dentro.

5.^o — *Tupiniquins* = Habitavam a costa do Rio de Camamú até ao Rio de Cricaré. Guerrearam muito nos primeiros annos aos povoadores de capitancias dos Ilheos, Porto-seguro, e Espirito-Sancto, mas por fim vieram a fazer pazes, que se guardaram bem de parte a parte, e foram depois muito fieis e verdadeiros aos portuguezes, e os ajudaram nas guerras contra os outros gentios seus contrarios, *tupinambás*, *aimorés*, *tapuias*, e *tamoios*. Eram muito valentes e industriosos nas cousas da guerra, e por isso tidos em muita conta pelo outro gentio.

6.^o — *Tupinaes* ou *tupignaes*, nação que corria em grande numero, mas como os portuguezes os captivavam proximo ás costas, fugiram para o sertão.

7.^o — Visinhos a estes havia os *apigapitangas* e *muriapitangas*: e tambem os *guaracaios*, ou *itatis*, contrarios aos *tupiniquins*.

8.^o — *Tumiminós*, ou *tigmiminós*. = Viviam nas terras da capitania do Espirito-Sancto, e eram contrarios dos *tupiniquins*.

9.^o — Desde o Rio de Janeiro até a Angra dos Reis viviam os *tamoios*, grandes de corpo, robustos, e muito inimigos de todo o gentio, salvo dos *tupinambás*. As suas casas são mais fortes que as do outro gentio, e suas aldeas fortificadas com grandes cercos de madeira. Trazem os beigos de baixo furados, e nelles umas pontas de aço compridas com uma cabeça como prego, a qual fica da parte de dentro do beigo. Foram muito amigos dos francezes, e por isso perseguidos depois pelos portuguezes, que deixaram muito poucos, e esses no sertão, e se ficaram chamando *ararapes*.

10.^o — *Carijós* = Habitavam desde S. Vicente [S. Paulo] até ao Paraguay. Gente domestica, pouco bellicosa, de boa rasão; não comem carne humana, nem matam os brancos. Muito inimigos dos *guai-naeazes*, com quem teem continua guerra.

Todas estas nações, ainda que diferentes e muito contrarias, e occupando toda a extensão da costa do Brasil, fallavam comtudo a mesma lingua com tão pouca discrepância, como succede entre as provincias da mesma nação. Esta lingua é facil, elegante, suave e copiosa, e toda a difficuldade della está em ter composições. Os portuguezes a aprenderam logo, e os missionarios a reduziram a arte escripta, e a ensinavam. A respeito desta lingua diz um dos nossos mais estimaveis escriptores das cousas do Brasil = “Tem muita graça quando fallam, mormente as mulheres. São mui compendiosos na fórma da lingua-gem, e mui copiosos no seu orar; mas falta-lhes tres letras das do *A B C*, que são *F L e R* [grande ou dobrado], cousa muito para se notar, porque se não teem *F*, é porque não teem *fé* em nenhuma cousa que adorem, nem os nascidos entre os christãos e doutrinados pelos padres da companhia teem *fé* em Deus Nosso Senhor, nem teem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não teem *L* na sua pronunciação é porque não teem *lei* nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem, e cada um faz lei a seu modo, e ao som de sua vontade, sem haver entre elles reis com que se governem, nem teem lei uns com os outros. E se não teem esta letra *R* na sua pronunciação é porque não teem *rei* que os reja e a quem obedegam, nem obedecem a ninguem, nem o pai ao filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade. E para dizerem *Francisco* dizem *Prancico*, e para dizerem *Lourenço* dizem *Rorenço*, e para dizerem *Rodrigo* dizem *Rorigo*, e por este modo pronunciam todos os vocabulos em que entram estas tres letras. =”

No fim do seculo de quinhentos haviam desaparecido do littoral quasi todas estas raças de gentios, e os que restavam tinham entrado pelo sertão dentro a 300 e 400 leguas. E destas raças de gentios que os nossos antigos escriptores nos deixaram mais ampla noticia, e de sua vida e costumes diremos de outra vez mais por extenso.

J. H. da Cunha Rivara.

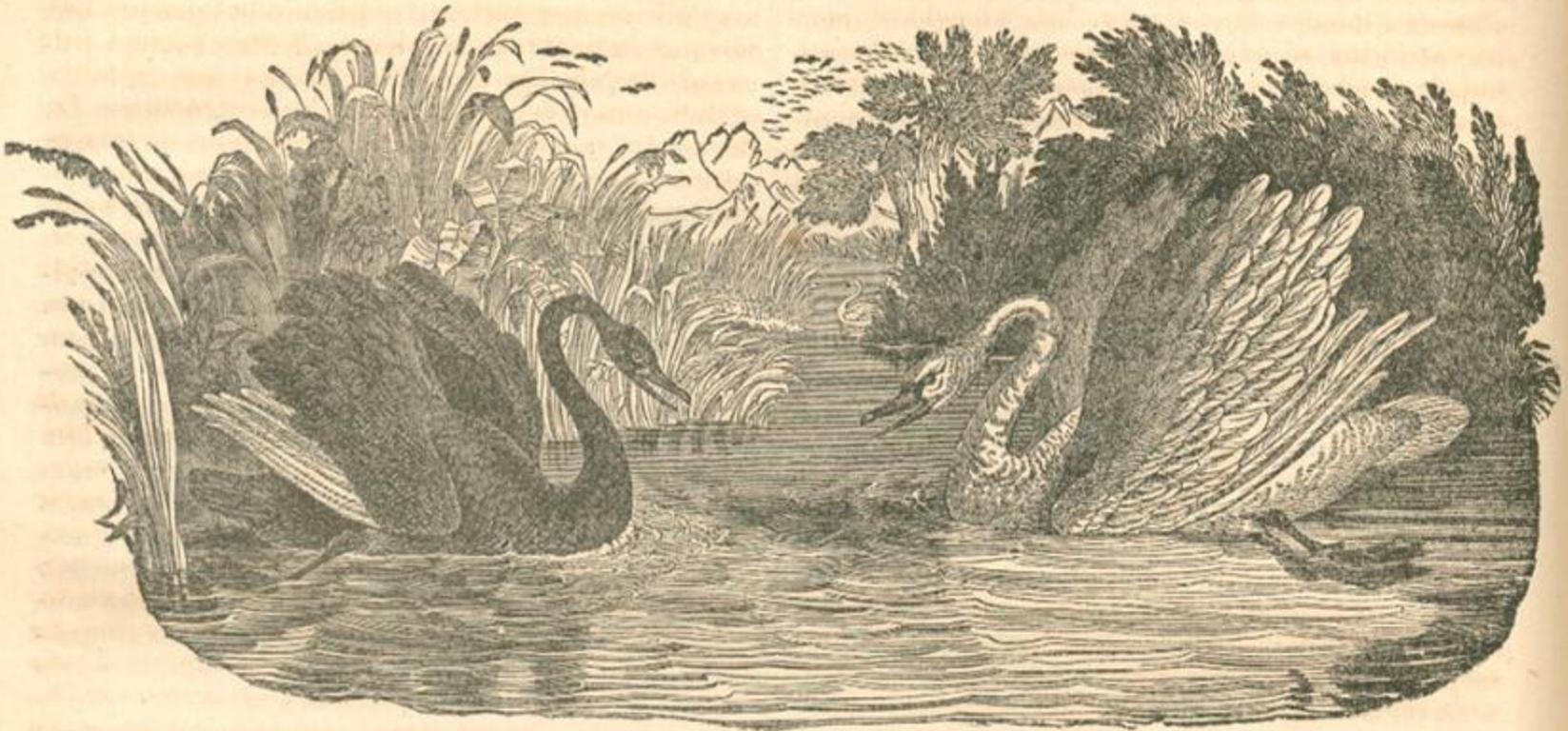
REFLEXÕES SOBRE A URBANIDADE.

PESSOAS ha que parecem ser por natureza e caracter polidas e cortezes; a rasão é porque são dotadas de bom genio, e diligenciam tractar com bom modo e com sinceridade aquellas pessoas com quem lidam. Insistiremos especialmente n'um ponto de civilidade bem interessante, qual é o não querer usurpar toda a attenção da companhia. Anhelais ser attentiosamente escutado no que dizeis, e quereis ser devidamente presado e acatado? Recordai-vos que os

outros possuem os mesmos desejos, e que se obstaes ás suas pretensões vos declararão guerra, e se vingarão não vos prestando a attenção que tão ardentemente cubiçaes, e negando-a tão grosseiramente aos outros.

É inutil assignar regras particulares de civilidade porque, como em outra parte dissemos, o que é

cortezia em uma parte nem sempre o é em outra, e as nossas acções devem ser modificadas segundo a practica da sociedade em que nos achâmos, e conforme as occasiões. Entretanto é proveitoso observar sempre as regras geraes, para não se indisparem contra nós os animos, e para ganhar-mos direito á benévolecia e sympathia das pessoas estranhas.



O CISNE PRETO E O CISNE BRANCO.

O CISNE impera nas aguas, como a aguia nos ares; e de jus lhe compete o imperio, sendo a mais engraçada, magestosa e valente das aves aquaticas. Todavia o seu nome generico, o seu nome de familia é bastante plebeu; e ainda que nos custe dar a tão formoso individuo denominação ignobil, é forçoso, seguindo os naturalistas, classifica-lo na mesma tribu dos patos: verdade é que o descredito popular em que estes incorreram, procede não só da sua vulgaridade, causa geral do menos-preço de muitas cousas, como tambem do seu desastroso modo d'andar, porque os contemplam fóra do seu elemento em attitudes que lhes são desfavoraveis; quantas vezes nos dias da nossa juventude observámos com deleite os patos nadando e banhando-se em aguas correntes; então lhes achâmos não pouca graça! — Diga-se isto para desforra d'umas aves que tão bem satisfazem a nossa gula.

Os cisnes porem gosaram sempre reputação de belleza; porque as suas inclinações, necessidades e fórma externa lhes adquiriram o habito de permanecer e pavonear-se nas aguas; estamos certos que se frequentassem mais a terra, a sua fama soffreria quebra, visto que não é o seu andar mais airoso que o dos patos. — Os cisnes entram na ordem daquellas creaturas em que mais vivamente sobresaem as maravilhosas harmonias da natureza. O corpo do cisne é á feição d'um casco de navio; comprido, esguio, um tanto achatado pela parte inferior, e diminue insensivelmente para a anterior, onde o peito figura uma prôa. Nenhum obstaculo lateral tem que lhe resista quando nada; o rabo, com proporções sufficientes para fazer equilibrio sem degenerar em carga, ergue-se levemente acima d'agua; o pescoco, que sustenta a cabeça, pequena em proporção, é tão delgado que não peza para diante, não obstante o seu extremo comprimento. Os motores destinados a dirigir e pôr em movimento este navio estão collocados posteriormente, e nenhuma palmipede é mu-

nida d'um par de remos tão fortes e tão faceis de jogar: o cisne os emprega não só para progredir, mas tambem a modo de leme para mudar de direcção, desviar-se para a direita e para a esquerda, rodear ou retroceder, segundo lhe apraz. Basta dobrar um dos pés ao longo do ventre ou por debaixo do rabo, ao passo que o outro se move, para modificar os movimentos com exactidão, promptidão e regularidade; e quando ambos os pés trabalham a um tempo e em cheio equivale a velocidade á do passo rapido d'um homem. Vogando assim a remos, o cisne póde accelerar o curso despregando as velas: quando o vento é de feição entre-abre as azas um tanto concavas, ergue e alarga as pennas reaes, e com esta dupla impulsão de remos e velas fende as aguas com facilidade e presteza maravilhosas. Quanto é agradável então á vista o aspecto desta ave formosa, que parece deslizar-se pela superficie cristallina dos lagos sem esforço algum apparente! Accrescentai a estas circumstancias a nitida alvura da plumagem, o brio jactancioso com que ostenta as suas galas, e achareis a rasão porque o cisne foi estimado em todas as idades.

Branco como um cisne: era proverbio muito antigo. Juvenal querendo fallar d'uma cousa rarissima ou impossivel a comparou a um cisne preto: *nigroque simillima cyeno*. Não conhecia a antiguidade os cisnes desta côr; os viajantes porem os descobriram nas ilhas Maluinias ou Falkland e no estreito de Magalhães com toda a cabeça e a parte superior do pescoco negras; e os rios e lagoas da Nova-Hollanda são povoados de uma infinidade d'aves desta especie com a plumagem toda preta-luzidia, á excepção das seis primeiras pennas de cada aza. O aspecto destes cisnes, que tem como os do estreito de Magalhães o bico d'um vermelho mui vivo, satisfaz tanto á vista como o dos cisnes brancos da Europa. Os habitos d'uns e d'outros são identicos.

O instincto social desenvolve-se grandemente nos cisnes bravos: gostam de se junctar aos bandos, nos paizes do norte da Europa, donde são oriundos; todavia estas reuniões dividem-se em casaes, que são modélos de fidelidade conjugal. O macho, durante a incubação, apesar da paixão que o chama para a agua, não se afasta do ninho, que a feméa occupa, e a defende com animo desesperado contra qualquer inimigo, e quando os filhos sahem toma parte com ella nos cuidados da educação. Este vinculo conjugal não se fórma só para cumprir os deveres da paternidade, não é occasional, é permanente: porem esta mesma affeição excita no cisne o ciúme feroz com que vigia a sua companheira, e a chegada de outro macho é o signal d'uma luta encarnçada, que dura dias inteiros, e ás vezes só finda com a morte d'um dos combatentes. Os dois rivaes pelejam a golpes d'aza e de bico, trabalhando por agarrarem a cabeça um do outro, e tê-la mergulhada quanto baste para effectuar a suffocação. Excepto nestas circumstancias extraordinarias o character do cisne é brando e pacifico, e ainda que seja cheio de confiança e de altivez, e mui pouco medroso, não commette tyrannias contra o povo miudo aquatico. Parece que tem a consciencia da força propria, e que não gosta de a exercitar, ao mesmo tempo que não engeita desafio: defende-se resolutamente até contra a aguia, e esta luta das duas aves valentes nem sempre acaba vantajosa para a *rainha das aves*. Emfim, estes movimentos fortes não convem á natureza do cisne; uma especie de ocio voluptuoso e de indolencia, a serenidade e o descango constituem melhor o seu estado normal, e as naturaes harmonias da formosa ave só estão completas quando, ao lado da companheira, voga placidamente sobre as ondas, lustra e alisa com o bico a plumagem, banha-a com as gotas d'agua, e se enfeita e acia com estremado desvelo e limpeza.

Segundo as fabulas cridas na antiguidade, e que muitos poetas obstinados contra a experiencia quizeram perpetuar, o cisne, especialmente á hora da morte, canta suavissimamente. Não lhe bastava a belleza para attributo excellenté, quizeram tambem faze-lo cantor: formoso é o pavão, e a sua voz é aspera e dissonante. Pois a do cisne é sua rival em melodias. Virgilio, que tambem era poeta, mas grande poeta, e alem disso entendido e observador, chama aos cisnes roucos, e com rasão:—

Dant sonitum rauci per stagna loquacia cygni.
Eneid. 11.^o

Igualmente erronea é a opinião que lhes attribue dois seculos de duração de vida; e ainda que o tempo da incubação parece, segundo as leis geraes, assignar-lhes notavel longevidade, se lhes reduzir-mos os dois seculos a um, talvez que este praso d'existencia ainda seja excessivo.

A carne dos cisnes é dura e denegrada; o unico producto aproveitavel destas aves é a pennugem macia e fina, imitante do *edredon* ou pennugem do ganso frouxeleiro e que faz delicados colxões e almofadas. No nosso clima os formosos cisnes brancos são objecto de luxo nos jardins dos opulentos, mas de luxo bem entendido, porque parece que dão vida ás aguas presas nos lagos, servindo ao mesmo tempo de enlevar os olhos de quem os contempla.

AS ABELHAS.

A HISTORIA natural dos insectos deve interessar até aquellas pessoas, que se contentam com as primei-

ras noções de uma sciencia: certos desta verdade fallaremos hoje das abelhas, que talvez nos forneçam alguns exemplos de que possamos aproveitar! Certo que é admiravel a republica das abelhas! Muitos auctores largamente tractaram este assumpto: entre os antigos, Aristoteles e Virgilio nos deixaram noções preciosas, entre os modernos o Dr. Bewan compillou tudo o que achou nos antigos, e accrescentou as suas proprias observações, que são bastante curiosas; offerecemos portanto aos nossos leitores um brevisimo extracto do seu livro. Bewan começa pelo exame das abelhas como naturalista, sem ommittir quanto era já sabido ácerca da sua estrutura. Todos sabem que os cortiços tem habitantes de tres especies: a abelha chamada mestra ou rainha, as operarias, e os machos ou zangãos.—As operarias executam todos os trabalhos proprios da sociedade, occorrem a todas as precisões della, criam a geração que ha-de substitui-las, e vigiam na defeza e conservação de todas. A mestra ou rainha é o chefe natural deste povo, que della descende, porque é a unica feméa fecunda em cada enxame. Aos machos ou zangãos só incumbe a propagação da especie. A abelha rainha conhece-se por ter o corpo mais comprido que as outras, as azas mais pequenas, e o ferrão de uma fórma particular: tem a côr mais viva e brilhante que a das operarias e dos zangãos, e as pernas de um lindo amarello côr de ouro, e põem todos os ovos d'onde deve sahir a nova geração que ha-de substituir a antiga. As abelhas operarias são as feméas, de ovarios imperfeitos, ou, como diz Cuvier, as que não tem sexo: em cada cortiço o seu numero póde subir de 12:000 a 20:000; são pequenas, de côr escura, e armadas com um ferrão que penetra até ao fundo do nectareo das flores, de que extraem o nectar, depositando-o n'uns saquinho adherentes ás côxas das pernas com que a natureza as proveu para este mister. O numero dos zangãos é sómente de 1:500 a 2:000, e começam a apparecer no principio d'Abril; em Agosto cessam de existir; são um terço maiores que as operarias, e não tem ferrão. As abelhas obreiras ou operarias são as que correm com todos os trabalhos e fadigas da sociedade.

A função principal da abelha rainha é a de pôr os ovos nas cellulas de cera construidas pelas operarias de proposito para isso. Quatro dias são precisos para os ovos chocarem; no quinto dia a larva (*) occupa toda a extensão da sua cella; então as operarias, que até aquelle dia lhe tinham dado copiosamente o sustento, cessam de lh'o subministrar, fecham a abertura da cella com uma porta feita de um material escuro; esta porta é delgada e flexivel para não oppôr obstaculos ou embaraço aos movimentos do insecto, o qual se dispõe então a tecer o seu cazullo de seda branca em que se ha-de embrulhar para se transformar em nimpha (§); esta operação dura seis dias; em fim no dia vigessimo primeiro da sua existencia, a contar o dia da postura do ovo, a abelha nova rompe o seu envoltorio, e sae no estado de insecto perfeito.—As metamorphozes, ou transformações da abelha rainha, são mais rapidas; em tres dias o ovo choca e sae; passa cinco dias no estado de larva, tece o seu cazullo em 24 horas, e então cançada de trabalho fica immovel até ao duodecimo dia da sua existencia em que está perfeita e prompta para reinar. Os zangãos andam mais

(*) Larva: o insecto no primeiro estado, antes de passar pelas suas metamorphoses: ex. a lagarta é a larva da borboleta: as larvas das abelhas são uns bichos brancos sem pés e de cabeça escamosa.

(§) Nimpha: primeiro estado da metamorphose do insecto perfeito.

de vagar; para chegarem ao estado de insectos perfectos gastam 28 dias. Com os dentes é que a abelha nova, sahindo do estado de nimpha, despedaça o seu envoltorio e se põe em liberdade; então outra abelha, da classe das operarias, se chega para ella e a ajuda a desenvolver e escovar as azas, e em fim aliza todo o corpo da nova companheira; feito isto ambas tomam vôo e vão prear nos campos. — Maraldi attesta ter visto abelhas saídas no primeiro dia da sua transformação voltarem ao cortiço com as bolças bem cheias do nectar que colheram; comtudo ordinariamente as operarias não consentem que as abelhas novas saiam do cortiço sem as terem confortado bem com mel. — As cellas que as abelhas novas deixam são limpas pelas outras com todo o esmero, e servem ou para ovos d'outra postura, ou para deposito de mel: estas cellas vemos nos favos. — A metamorphose ou transformação da abelha rainha, quando sae do estado de nimpha, é acompanhada de circumstancias differentes das das outras; logo que a nimpha dá signaes ou demonstraões de sahir, as abelhas operarias acodem, rompem o casullo em que está envolvida, cercam-na e não a deixam só um momento, e isto com o fim ou de a livrar dos perigos que poderiam acontecer-lhe, ou para a impedir de matar as outras abelhas rainhas que devem ainda sahir das cellas, o que aconteceria infallivelmente se a deixassem só entregue ao seu instinto; porque a maior inimiga das nimphas *reaes* é a sua irmã mais velha. — Logo pois que a rainha sae do seu nicho, as abelhas operarias a cercam como dizemos, e não a deixam sahir do cortiço por alguns dias, durante os quaes a sustentam regaladamente pondo á sua disposição muitas cellas cheias de mel, tendo tido primeiramente a precaução de as furar para que a rainha possa comer á discrição. — Tem-se observado que esta não cessa de fazer um zumbido que varia de tempos a tempos, e só está callada no tempo da comida. — A existencia de uma abelha rainha é absolutamente necessaria para a existencia da sociedade; comtudo pôde acontecer o morrer, e n'esse caso eis o modo de supprir a sua falta: — as abelhas operarias escolhem uma *larva* da sua propria classe, e esta creatura vulgar é a que será criada para substituir o lugar da fallecida; desde este momento a abundancia, e mesmo o luxo a cercam; tres cellas são convertidas em uma só que é destinada para seu aposento; uma comida especial, reservada só para os insectos sustentados deste modo, é dada á futura rainha, esta comida é preparada pelas operarias por um processo particular, e que só nesta occasião é posto em practica; esta comida é estimulante, mais activa que o mel, e com um sabor mais forte e muito mais acido. — Este factó observado por Mr. Scirach, vigario de Bautzen, foi depois confirmado por outros auctores. — As maximas do despotismo oriental observam-se nos cortiços; o primeiro cuidado da abelha rainha é o de matar todas as larvas que pôde encontrar nas cellas, por assim dizer, *reaes*; depois deste trabalho o outro, e quasi unico, é o da postura dos ovos; o numero destes é muito grande, mas proporcionado ao clima, á comida, e emfim a mil outras circumstancias locais. — Mr. Huber avalia em 12:000 os ovos da primeira postura nos mezes de Abril e Maio; a segunda tem lugar em Agosto e é menos abundante. A fecundação dos ovos é ainda um segredo, mas parece certo que a abelha rainha é fecundada pelos zangãos no ar durante um passeio. — A sorte dos zangãos é triste; no fim de Julho, depois de sahidos os enxames, são todos mortos ás ferroadas pelas operarias; parece que antes da morte elles a conhe-

cem e procuram evita-la, mas debalde; acolhem-se e escondem-se em todos os cantos do cortiço sussurrando melancolicamente; porem nada commove as operarias, agarram-os, e com uma só ferroadas os deixam estirados no chão até ao ultimo.

O Dr. Bewan trata depois do logar mais proprio para os cortiços, qual deve ser a sua fórma, qual o alimento que de preferencia se deva dar ás abelhas. — No fim do outono um bom cortiço deve pezar de 25 a 30 arrateis, e ter ao menos meio alqueire de abelhas; os cortiços devem ser cubicos e ter janellas ou aberturas para commodidade dos observadores, porem este meio falha ás vezes; o melhor é metter as abelhas em grandes tubos de vidro, cubertos com uma capa de palha tecida e entrelaçada; assim se consegue ver o que se passa dentro sem perturbar as abelhas e os seus trabalhos: é por este modo que Reaumur, inventor desses tubos, conseguiu observar os actos principaes da abelha rainha: é desta maneira que se observou que ella sae ás vezes com guardas, e outras vezes a visitar os trabalhos sosinha e sem aparato algum. — Concluiremos este artigo copiando o que diz Mr. Bewan sobre o modo como as abelhas colhem o nectar das plantas que deve servir para alimento das larvas. Saem para esse trabalho no verão antes de sahir o sol, e ás vezes ainda de noite; se a estação é secca de modo que as particulas do pollen (:) não podem amassar-se, então envolvem nellas todo o corpo e assim voltam ao cortiço todas enfarinhadas e inteiramente desfiguradas; ao chegar são recebidas pelas outras que recolhem uma parte do que trazem e o comem com avidéz para o prepararem nos estomagos antes de o ministrarem ás larvas para que é destinado; o resto do provimento é repartido nos armazens de arrecadação; a abelha carregada é que faz esta operação, vai escolher uma cella que lhe parece acomodada, achada esta agita as azas para avizar as operarias, estas acodem, e então a abelha carregada põe os pés do meio e os de traz na borda da cella, e abre os saquinhos com os pés de diante para cahir o que contém na cella; feito isto sae novamente e vai procurar mais. As operarias é que arranjam o que fica no armazem, humedecem-no com mel e o envernizam com uma materia luzente. — Grande erro é em quanto a nós o assentar os cortiços em local muito exposto ao sol no inverno; assentámos que é preferivel um logar onde o sol não penetre, e isto pela razão seguinte: — não é o frio o que faz mal ás abelhas, o que lhes faz mal é a variação subita da atmospherá; se os cortiços estiverem bem abrigados do frio e expostos ao sol no inverno, em que ás vezes tem grande força, resultará excitação ás abelhas para sahir do cortiço e procurar alimentos; fatigar-se-hão, e quando vier a noite com a frialdade não terão a força necessaria para resistir. — Dizemos pois que as abelhas só deverão ser postas ao sol quando as arvores começam a rebentar, e quando poderem achar na visinhança bastante de que possam sustentar-se.

Finalmente recommendamos o uso da colmea nu-teana, e a lição do folheto que sobre ella com a competente descripção escreveu o Sr. Francisco Ignacio Pereira Rubião, da cidade do Porto.

X. d'A.

PENSAMENTO SOBRE OS FOSSEIS.

ABSTRAHINDO da verdadeira significação da voz = misterio = se por ella designar-mos tudo quanto não

(:) Pollen: a poeira seminal das plantas: nas illiaceas e outras é mui facil de observar um pó amarello e subtil que suja os dedos. Do pollen fabricam as abelhas a cera; e do humor viscoso do nectarino das flores extrahem o mel.

podemos comprehender, não ha duvida que para nós é e será sempre o mundo inteiro um misterio universal. Que a divindade, e tudo quanto lhe diz respeito é um misterio, é cousa sabida em todos os tempos, e reconhecida por toda a creatura racional. Não é menos indubitavel que o firmamento e a maravilhosa machina do mundo, presidida por uma providencia omnipresente, é no todo ainda um misterio para o astrônomo o mais sabio. Quanto á terra que habitamos, e que nos foi dada em patrimonio, ainda por cá temos muitos misterios que denunciam a limitada intelligencia humana.

Tudo o que se passa acima de nós, isto é, toda a meteorologia, ou em linguagem peripatetica = todo o sublunar = tem mais ou menos felizmente sido averiguado pelos physicos; porem quanto não devem estes esmorecer quando satisfeitas as suas minguadas descobertas, e ás vezes caprichosas explicações, descem, convidados pelo geologo, umas poucas de varas de profundidade abaixo da superficie, onde fazem as suas observações aerias, e vão ver esqueletos enormes, e montões d'ossos pertencentes a creaturas de cuja passada existencia não póde haver idéa pela historia ou livros sagrados nem profanos, nem podem formar-se conjecturas pela tradição ou pela observação!

Aqui se offerece um misterio para o litterato religioso, um escolho para o philosopho superficial, e um abysmo de erros para o presumpçoso sofista da moda!!

A VOCAÇÃO PARA A VIDA MONASTICA AVALIADA POR UM ENTENDEADOR.

Ecce nos relinquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis? Matth. 19. — Estas duas clausulas de S. Pedro «deixar e seguir» são os dois polos da virtude, são o corpo e alma da santidade, são as duas partes de que se compõe toda a perfeição evangelica. A 1.^a deixar tudo, a 2.^a seguir a Christo. — Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo christão, acharemos nelle quatro differenças de homens, em que este deixar e seguir do Evangelho está variamente complicado. Ha uns que nem deixam, nem seguem; ha outros que deixam, mas não seguem; outros que seguem, mas não deixam; outros que deixam e junctamente seguem. Não deixar nem seguir é miseria; deixar e não seguir é fraqueza; seguir e não deixar é desengano; deixar e seguir é perfeição. — Em nenhum destes quatro predicamentos entram os homens do mundo, ainda que sejam christãos, porque nenhum delles professa deixar e seguir. A sua profissão é obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo. — Os que somente professam deixar e seguir, somos todos os que temos nome de religiosos. — E para que cada um conheça em que predicamento destes está, e a qual pertence, se ao da miseria, se ao da fraqueza, se ao do desengano, se ao da perfeição; será bem que declaremos estes nomes, e que definamos estas differenças; e que saibamos quem são estes miseraveis, quem são estes fracos, quem são estes desenganados, e quem são estes perfeitos sanctos.

Os miseraveis que não deixam nem seguem, são os que se mettem a religiosos como a qualquer outro officio, para viver. fica no mundo um moço sem pai, mal herdado da fortuna e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para cursar as letras, sem talento nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto: que faz? entra-se em uma religião das menos austeras, veste, come, canta, conversa, não o penhoram pe-

la decima, nem o prendem para a fronteira, não tem cousa que lhe dê cuidado, nem elle o toma: enfim é um religioso de muito boa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal nem deixa nem segue. Não deixa, porque não tinha que deixar; não segue, porque não veio seguir a Christo, veio viver. — Os fracos que deixam e não seguem, são os que trazem á religião o nojo, o desar, a desgraça, e não a vocação. Succede-lhe a um homem nobre e brioso sahir mal de um desafio, fazerem-lhe uma affronta que não póde vingar, negar-lhe elrei o despacho e o agrado, não levar a becca ou a cadeira ou o posto militar a que se oppoz, ou levar-lhe o competidor o casamento em que tinha empenhado o tempo, o credito e o amor: enfadado da vida, e indignado da fortuna, entrega sua casa a um irmão segundo, mette-se em uma religião de repente; mas leva consigo o mundo á religião, porque olha para elle com dor, e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa, porque deixou o patrimonio e a fazenda; não segue, porque mais o trouxe e tem na religião a affronta, que recebeu no mundo, que o zelo ou o desejo de seguir e servir a Christo. — Os desenganados que seguem, mas não deixam, são os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deus. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra se acha ao cabo da sua vida carregado de annos, de serviços, e de feridas sem premio, e desenganado de quão ingrato e mau senhor é o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague, e metter algum tempo entre a vida e a morte, troca o colete pelo saial, o tali pelo córdão, e a gola pelo capello, em uma religião penitente, e não tendo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle peleja, a elle vence, e delle triumpho. Este é o que não deixa, mas segue. Não deixa, porque não tinha que deixar mais que os papeis que queimou, que sempre foram cinza; e segue, porque já não conhece outra caixa, nem outra bandeira, senão a voz de Christo e sua cruz. — Finalmente os perfeitos e sanctos, que deixam e justamente seguem, são os que chamados e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição evangelica, imitam gloriosamente a S. Pedro e aos outros apóstolos, os quaes tudo o que tinham e tudo o que podiam ter, deixaram e renunciaram por Christo; e em tudo o que obraram, ensinaram, fizeram, e padeceram, seguiram e imitaram a Christo.

Vieira. — Sermões. Tom. 2.^o

NUMERO DE CHRISTÃOS NO GLOBO.

PARA que os leitores possam por meio de comparação ajuizar dos calculos estatísticos, daremos neste jornal os mais recentes, logo que chegarem á nossa noticia.

Resulta de um calculo que se fez para determinar o numero de christãos de diferentes seitas, e dos idolatras ou pagãos nas diferentes partes do mundo, o seguinte. Se dividirmos o globo conhecido em trinta partes iguaes, dezenove destas serão compostas de idolatras, seis de judeus e mahometanos, e cinco de christãos.

Um folheto estampado na America, e reimpresso em Londres, no anno de 1812, dá o calculo seguinte: Os habitantes do mundo conhecido são 800:000:000, as populações christãs são 200:000:000, a saber: da igreja grega e oriental 30:000:000, da igreja romana 100:000:000, protestantes 70:000:000. — Ha de idolatras 461:000:000, de musulmanos 130:000:000, judeus 9:000:000.

Se é verdade que o termo da duração de uma geração é o de trinta annos, nascem e morrem neste espaço de tempo oitocentos milhões de individuos!! o que vem a dar por dia 73:059: por hora 3:044, e pouco mais ou menos 51 por minuto.

LUÍZ 14.º E O CHIMICO.

Um chimico chamado Poli descobriu certa composição terrível, dez vezes mais destruidora do que a polvora. — Cheio de prazer com a invenção, e julgando por ella fazer fortuna, dirigiu-se a París em 1702 para a offerer a Luiz 14.º que andava em continuas guerras. — Este monarcha, que gostava muito dos descobrimentos chimicos, quiz ver a composição e seus effeitos. — Fez-se a experiencia em sua presença, e Poli manifestou as vantagens que da adopção do invento poderiam resultar na guerra. — «O teu descobrimento é mui engenhoso, lhe disse o rei, todavia os meios de destruição de que ao presente se faz uso na guerra são mais que sufficientes para fazer os homens miseraveis. Prohibo-te a publicação desse invento, e até te aconselho a que te esqueças delle: — é um serviço que devemos fazer á humanidade.» Com esta clausula concedeu o monarcha uma pensão ao chimico, que fez mais fortuna em occultar do que em descobrir.

A EXAGGERAÇÃO.

Cumpre haver toda a attenção no uso dos superlativos; assim para não nos expor-mos a offender a verdade, como para não dar-mos má opinião do nosso entendimento. São as exaggerações prodigalidades da estima, e revelam curteza de intelligencia e de gosto. O louvor concita vivamente a curiosidade e o desejo; e se depois o valor não corresponde ao preço, como usualmente acontece, volta-se a expectativa contra o engano, vingando-se no desprezo da cousa exaggerada e do que a exaggera. Sejamos pois mui cautos, desejando antes peccar por pouco do que por muito. — Sendo raras as superioridades em qualquer ramo, convem não desperdiçar os louvores. — O encarecimento é um ramo da mentira, e faz-nos perder o credito de bom gosto, que é grande, e o de entendidos que ainda é maior.

O ESTREITO DE GIBRALTAR.

Dois continentes se apresentam á vista do viajante neste tão antigo como formoso logar, onde um golpho estreito divide os paizes instruidos, livres, e civilisados, das regiões barbaras, escravas e miseraveis. D'um lado está Trafalgar, nome immortalizado por Nelson, o celebre almirante que com o seu sangue comprou para a patria o imperio dos mares. Mais adiante está Tarifa, e o campo del Salado, onde a cruz triumphou sobre a meia-lua mahometana. Na costa fronteira brilham as dealbadas paredes de Tanger, como uma grinalda de neve em escura serra-nia, por de traz da qual se dilata o triste deserto, acolheita de feras e de reptis, e habitação de homens selvagens. Trafalgar e Espartel estão-se olhando, como dois gigantes, a quem não poderosa mantem separados por um largo e insondavel fosso. Não ha duvida que em epochas remotissimas houve entre elles comunicação, por onde passaram numerosas caravanas de camellos, como agora passam vastas frotas de navios com o commercio do mundo. Atraz

d'um elevadissimo promontorio fica a bahia de Gibraltar, theatro de sanguinolentas guerras entre duas nações poderosas. Ao oriente se descobre o azul Mediterraneo, estendendo-se como um lago dormente.

O sitio mais apertado do estreito é em Tarifa, onde não excede a quatro leguas geographicas de largura. A tradição attribue a Hercules a empreza d'abrir um canal por onde era antigamente um isthmo: outros com menos apparencia de fabula dão esta honra aos phenicios, que tinham conhecimento dos canaes de Suez e de Sesostris. Dos historiadores antigos se vê que o estreito foi gradualmente alargando, porem já Victor Vitense fixa a largura em quatro leguas, como até ao presente se tem conservado; e sem duvida continuará por muitos seculos no mesmo estado, por causa das montanhas que lhe servem de barreira.

Nenhum esforço nautico tem conseguido sondar a profundidade do canal. Uma corrente constante passa do Atlantico para o Mediterraneo, diminuindo em força até Malaga, onde principia a ser imperceptivel, ao menos na costa de Hespanha. Não obstante essa immensa entrada d'agua e os tributos copiosos do Nilo, Rhódano e Ebro, o Mediterraneo recolheu-se na costa de Valencia, porque Murviedro era antigamente um porto de mar: não sabemos porem se para a costa d'África se equilibrou esta mudança em sentido opposto. Alguns acreditaram que no estreito ha uma corrente inferior por onde sae para o Atlantico o excesso de agua que entrou no Mediterraneo, porem esta supposição é contraria ás leis hydrostáticas, sendo de mais a mais superflua, por não haver phenomeno que por ella se explique, estando averiguado que o Mediterraneo perde por evaporação no verão uma quantidade de agua igual, senão maior, a toda a que recebe da parte de Cadis e dos rios das costas interiores.

O gosto e a admiração dos seguidores do systema estacionario provém dos juizos falsos que fazem sobre a verdade dos factos e sobre a natureza do homem: sobre a verdade dos factos, porque supõem que os costumes antigos eram mais puros que os modernos, o que é erro completo; sobre a natureza do homem, porque não querem crer que o espirito humano é susceptivel de aperfeiçoamento. — *Chateaubriand.*

FAZENDA é a sabedoria isenta da jurisdicção da fortuna, a qual não toma senão o que dá: o fogo gasta o ferro; o mar alaga cidades; terremotos as derubam; raios espantam o mundo; armas o senho-ream: só o saber do homem é livre destes perigos; porque nem o tempo o gasta, ou a morte o senho-rea. — *Barros. Panegy.*

PROVERBIOS.

O MELHOR livro de moral é a consciencia, e nenhum ha que menos consultado seja.

A PHILOSOPHIA é só apreciavel quando serve para viver bem, e não para ostentar saber.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.